

Crônica da Cidade

MARIANA NIEDERAUER | *mariananiederauer.df@dabr.com.br*

Nota mil para a língua portuguesa

A crônica de hoje é sobre acasos. Ou talvez sobre destino, para quem acredita que tudo tem o seu tempo de acontecer. Na última quinta-feira, celebramos o Dia Nacional da Língua Portuguesa. Recebi o lembrete numa publicação feita pelo Senado Federal em uma de suas redes sociais. À essa altura, já sabia que o texto de hoje precisaria abordar, de alguma maneira, o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem). Não apenas porque é o tema do momento, mas porque há mais de uma década me dedico à cobertura dessa importante avaliação nacional.

Acabo de me lembrar, conversando com colegas da redação, que, quando prestei o exame, ele ainda não havia sido adotado como forma de ingresso para o ensino superior. A função da prova, portanto, era a de avaliar o desempenho de egressos do ensino médio. Mais tarde, já formada, aquele grande esforço nacional para aumentar as possibilidades de acesso à universidade atraiu a minha atenção como profissional de comunicação, e a dedicação às coberturas foi inevitável.

Desde então acompanho os temas da redação, o balanço de cada dia e a felicidade de quem consegue uma vaga por meio do Sisu e de tantas outras seleções que aceitam a nota do exame. Ontem foi o primeiro dia da avaliação deste ano, com a redação e as questões de português, e a proximidade com o dia que celebra a nossa língua me parece mais que apropriada. A data foi estabelecida pela Lei 11.310/2006, em homenagem à data de aniversário de Rui Barbosa.

E aí chega mais uma coincidência com a publicação do Senado Federal: ela vinha acompanhada de uma frase de Clarice Lispector que, curiosamente, foi tema de questão do Enem em 2017. A questão 20 do caderno azul daquela edição trazia um trecho de *Carta de Amor*, texto publicado em *A descoberta do mundo* (Rocco, 1999).

"Esta é uma confissão de amor: amo a língua portuguesa. Ela não é fácil. Não é maleável. (...) A língua portuguesa é um verdadeiro desafio para quem escreve. Sobretudo para quem escreve tirando das coisas e das pessoas a primeira capa de superficialismo.

Às vezes ela reage diante de um pensamento mais complicado. Às vezes se assusta com o imprevisível de uma frase. Eu gosto de manejá-la — como gostava de estar montada num cavalo e guiá-lo pelas rédeas, às vezes a galope. Eu queria que a língua portuguesa chegasse ao máximo em minhas mãos. E este desejo todos os que escrevem têm. Um Camões e outros iguais não bastaram para nos dar para sempre uma herança de língua já feita. Todos nós que escrevemos estamos fazendo do túmulo do pensamento alguma coisa que lhe dê vida.

Essas dificuldades, nós as temos. Mas não fale do encantamento de lidar com uma língua que não foi aprofundada. O que recebi de herança não me chega.

Se eu fosse muda e também não pudesse escrever, e me perguntassem a que língua eu queria pertencer, eu diria: inglês, que é preciso e belo. Mas, como não nasci muda e pude escrever, tornou-se absolutamente claro para mim que eu queria mesmo era escrever em português. Eu até queria não ter aprendido outras línguas: só para que a minha abordagem do português fosse virgem e límpida."

Clarice resume o desafio e a satisfação que é escrever em língua portuguesa. Acaso ou destino, a vida encontra suas conexões, entre uma e outra palavra desse belo idioma.

SUPERAÇÃO / O funcionário público Ângelo dos Santos precisou amputar uma perna aos 17 anos devido a complicações de um câncer. Agora, aos 50 anos, lançou *Saci trilheiro – Do câncer às montanhas*, para compartilhar sua história

O legado de uma vida

» JÚLIA COSTA*

Ângelo dos Santos foi diagnosticado com um câncer entre a bacia e o fêmur aos 17 anos de idade, em 1994. Natural de Ponta Grossa, no Paraná, foi para Curitiba seguir com o tratamento. Na capital, fez a biópsia e passou por uma cirurgia para retirar o tumor: já na época, o cirurgião quis amputar a perna de Ângelo, mas prosseguiu com a tentativa de retirada do tumor. A parte motora da perna esquerda, porém, estava danificada. "Não mexi mais a perna. Inchou muito, foram 45 dias de muita febre e dor. Voltei para o sítio, fiquei em casa para me recuperar e achava que era questão de tempo", diz Ângelo, hoje funcionário público, amante de trilhas e que completou 50 anos em setembro, quando lançou, em Brasília, o livro *Saci trilheiro — Do câncer às montanhas*, para compartilhar sua história de vida.

Alguns meses depois da primeira cirurgia para retirar o tumor, o adolescente voltou para Curitiba, agora para iniciar o tratamento com radioterapia. Continuava com as febres frequentes e, na terceira noite, passou mal, desmaiou e voltou para o hospital. "De manhã, o médico falou que, para ter chance de cura, tinha que amputar e que a decisão caberia a mim. Demorei uma semana, não tinha internet, referência sobre que tipo de amputação era, prótese... Tive que tomar uma decisão com base na imaginação", conta.

Ângelo se viu sem saída. "Não tinha outra escolha, porque o sofrimento estava muito grande. Se eu demoro a tomar uma decisão, a infecção que tinha na perna poderia ter me matado", afirma. "Fiquei ali na pressão, não tinha para onde correr."

Então no terceiro ano do ensino médio, o vestibular foi uma das primeiras demonstrações dos desafios que o jovem teria que enfrentar. Escolheu cursar processamento de dados na Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), porque achava que não poderia fazer algo que exigisse da capacidade física. Hoje, reconhece que a graduação não estava alinhada com o que queria.

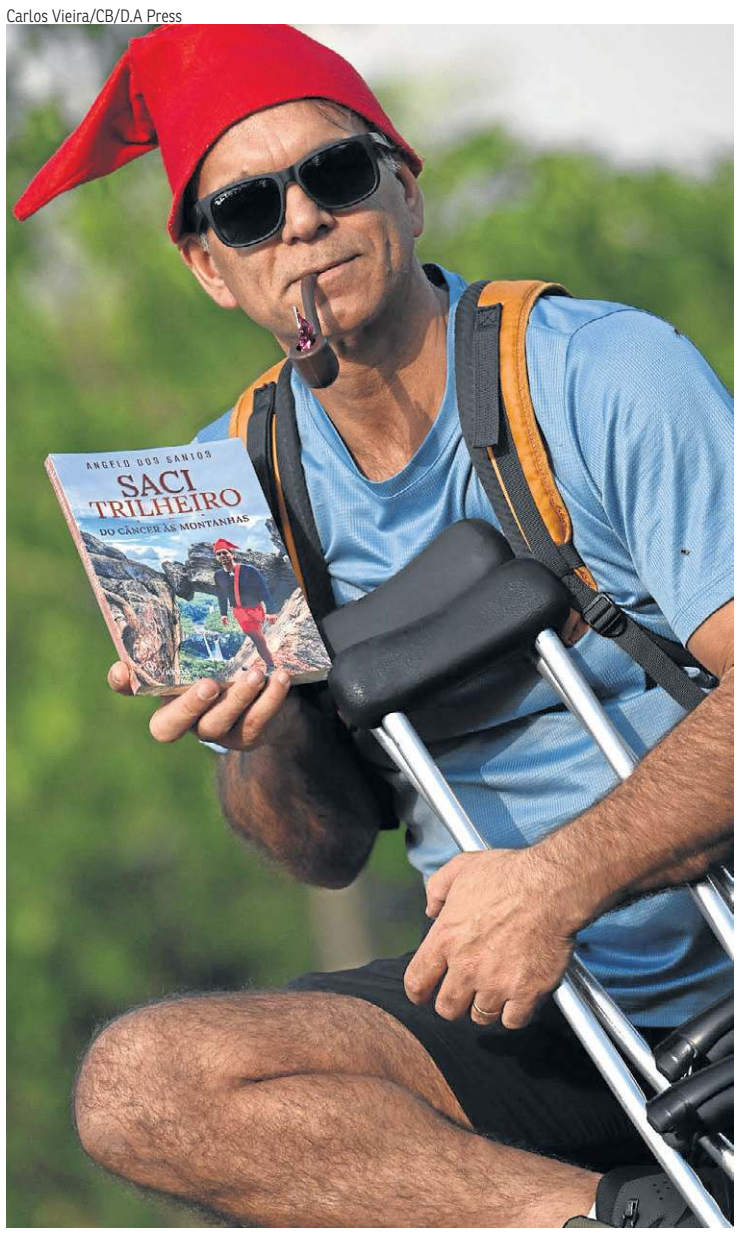
Dois anos depois, o câncer voltou. Com ele, refletiu sobre aquilo que queria para os próximos anos e decidiu voltar para a Universidade, agora para cursar geografia, área na qual trabalha atualmente. "Fui fazer algo que estava alinhado com o que eu gostava. Isso é muito marcado principalmente no Sul, a geada, gostava de ver a chuva, observar o céu. A geografia prometia esse entendimento de coisas que estavam no meu cotidiano", explica.

Adaptação

O nível da amputação de Ângelo é o mais alto possível. Chegou a usar prótese nos anos seguintes, em 1995 e 1996, porque queria aparentar ter uma perna novamente. "A prótese, para quem é amputado, é um cesto, um encaixe. Tem que vestir o encaixe e ele é afivelado na cintura o mais apertado possível para que não machuque", explica. "Como não tem um apoio, um pedaço da perna, machucava demais, saía sangue."

A volta do câncer em 1997 e as mudanças que o tratamento causou no corpo foram o que o motivou a parar de usar a prótese. "Foi um trabalho intenso que tive que fazer porque, no início dos anos 2000, passou *Sítio do picapau amarelo* e passei a ser reconhecido como Saci e aquilo não me fazia bem, ser reconhecido como pessoa que tinha uma perna", diz. "Queria usar prótese, mas era difícil. Me esforcei para me aceitar daquele jeito porque é mais confortável andar de muletas do que com a prótese machucando."

Carlos Vieira/CB/D.A Press



Ângelo começou a fazer trilhas na Chapada dos Veadeiros e, desde 2018, faz trajetos cada vez mais longos, como Pedra da Gávea, Lençóis Maranhenses, Pico da Bandeira e Monte Roraima

Esporte

Depois de formado, Ângelo se tornou servidor da Agência Nacional de Mineração e trocou o estado natal por Brasília. Acostumado com a natureza desde a infância, fazia trilhas curtas, de um quilômetro, para chegar a cachoeiras. Frequentava a Chapada dos Veadeiros, mas com a ideia de que não conseguiria fazer caminhos mais longos, receoso com a possibilidade de sentir dores nos braços e na perna ou das muletas quebrarem no trajeto.

Foi em 2018 que decidiu se desafiar. "Eu me testei em trilhas mais longas na Chapada, vi que conseguia fazer e tomei gosto por me desafiar, até que cheguei no Monte Roraima", afirma. Além do trajeto de quase 70 km no Norte do país, enfrentou também a Pedra da Gávea, os Lençóis Maranhenses e o Pico da Bandeira.

O que o motiva para seguir é a sensação de dever cumprido. "Ano passado, estava com a dúvida de ir ou não para o Monte Roraima e pensei por que eu iria. Likes em fotos, mostrar que venci, mas isso não pode ser o suficiente. Não que eu não goste ou não queira, mas o que me moveu foi a vontade de estar na trilha e me sentir bem", diz. "Gosto de estar, largar as muletas, subir e descer a rocha. As pessoas acham que estou sofrendo, mas me sinto muito bem."

Reflexão

Com insuficiência renal crônica, consequência dos tratamentos contra o câncer, Ângelo fez parte, na pandemia, do grupo de risco. A reflexão sobre vida e morte o incentivou a pensar no legado que deixaria e, com isso, veio a ideia de escrever uma autobiografia — o que já era incentivado pelas pessoas ao seu redor. "Escrevi um pouco e parei, porque achava que tinha que ler mais. Não queria só escrever, e sim deixar uma reflexão, então fui estudar filosofia", afirma.

Até dois anos atrás, só tinha metade do livro escrito. Colocou, então, uma meta: lançá-lo até os 50 anos de idade, que completaria em 2026. Ângelo comemorou o lançamento de *Saci trilheiro — Do câncer às montanhas* (editora Vidaria) e o aniversário no mesmo dia, em 24 de setembro deste ano.

Agora autor, comemora a chance de ver um sonho se realizar. "Escrevi tentando deixar um legado, para que sirva de motivação para quem leia. Conto histórias que me motivam", diz. "Pessoas me falaram que o fato de terem me encontrado as ajudou a passar por problemas. Então, escrevi com essa vontade, para que possa servir de referência."

***Estagiária sob supervisão de Tharsila Prates**

JORNALISMO

Correio é finalista do Prêmio Engenho

» LUIZ FELLIPE ALVES

Após a primeira rodada de homenagens aos finalistas do Prêmio Engenho de Comunicação, os vencedores da 22ª edição serão revelados em uma cerimônia no Espaço Cultural TCU, amanhã, a partir das 19h. O **Correio** concorre em duas categorias: cobertura de Brasília e veículo do ano, como melhor veículo.

Uma comissão julgadora independente selecionou os concorrentes e definirá os ganhadores. O grupo reúne o ministro da Defesa, José Múcio Monteiro; a secretária de Estado do DF Giselle Ferreira; e o coordenador acadêmico do curso de jornalismo do Uniceub, professor Bruno Nalon.

O júri inclui, ainda, a diretora do Espaço Cultural TCU, Elisa Bruno, e a diretora jurídica do Senar, Eliziane Carvalho. A iniciativa conta com patrocínio da Apex Brasil, do Sistema Fibra (Federação das Indústrias de Brasília), do Sistema CNA-Senar e do Sistema Cofeci-Creci.

O prêmio destaca o exercício jornalístico como promotor do pensamento crítico, fortalecedor da cidadania e instrumento no combate à desinformação. A idealizadora do prêmio, Katia Cubel, explica que os vencedores são definidos de acordo com cinco pilares: liberdade de imprensa, ética, transparência, cidadania e democracia. "Além de contemplar, homenagear e de distinguir as melhores práticas de jornalismo entre profissionais e veículos de comunicação, o prêmio também quer valorizar o jornalismo perante a sociedade", assinalou.

Adriano Siri



Correio **concorre nas categorias cobertura de Brasília e veículo do ano**

SGB SERVIÇO GEOLÓGICO DO BRASIL - CPRM
MINISTÉRIO DE MINAS E ENERGIA
GOVERNO DO BRASIL DO LADO DO POVO BRASILEIRO

Secretaria Nacional de Geologia, Mineração e Transformação Mineral
Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais - CPRM

ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA

Edital de Convocação

Na forma do Estatuto Social e Legislação vigente, convocamos os Senhores Acionistas da Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais – CPRM a se reunirem em Assembleia Geral Extraordinária, dia 17 de novembro de 2026, às 09 horas, na Sede da Companhia, localizada no Setor Bancário Norte – SBN, Quadra 02, Asa Norte, Bloco H, 5º Andar, Edifício Central Brasília, Brasília – DF, a fim de deliberarem sobre a seguinte
ORDEM DO DIA
Alteração do Estatuto Social, com modificação do Art. 4 para atualização do objeto social.
O acionista que desejar ser representado na referida Assembleia Geral deverá depositar a procuração com poderes especiais na Sede da Companhia, até às 09 horas do dia 16 de novembro de 2026, conforme estabelece o artigo 126 da Lei nº 6.404, de 15 de dezembro de 1976.
Os documentos objeto das deliberações da Assembleia Geral estão disponíveis para consulta na Sede da Companhia. Qualquer dúvida ou solicitação de esclarecimento pode ser encaminhada para o endereço de e-mail seger@sgb.gov.br.

Brasília, 04 de novembro de 2026.
DENIS DE MOURA SOARES
Presidente do Conselho de Administração

Obituário

Sepultamentos realizados em 8 de novembro de 2026

» Campo da Esperança

Adilson Conceição, 86 anos
Eurico de Jesus Valente, 79 anos
Gabriel Carvalho de Jesus, 17 anos
Janaína Magalhães Saraiva, 49 anos
José Virgínio Diniz Júnior, 60 anos
Marcelo Lima Camello, 61 anos
Márcia Aparecida da Fonseca Alves, 53 anos
Olga Sepúlveda da Cunha, 88 anos
Otília Saraiva Lima Caixeta, 86 anos
Yvana Fraga Barbosa Berndsen, 68 anos

» Taguatinga

Cícero Alves Mendes, 85 anos
Daniel Rodrigues de Sousa, 45 anos
Edmilson Barreto Rocha, 48 anos
Francisco Guedes Dias, 51 anos
Iolanda Maria de Jesus Silva, 84 anos
Luiz Felipe de Souza Gomes, menos de 1 ano
Neusa Sotero de Souza, 82 anos

» Gama

Cícero Francisco Alves, 79 anos
Maria Francisca da Silva, 90 anos

» Planaltina

Edite Braga de Queiroz, 89 anos
Hizelma Alves de Sousa, 54 anos
Brazlândia
Vera Lúcia Pereira de Jesus, 54 anos

» Sobradinho

Advar Nunes de Lima, 44 anos
Agapy David Barros Matias, 15 anos
Deuselina de Castro, 81 anos
Luziano de Jesus Santos, 39 anos
Rodolfo Montenegro Laguardia, 58 anos
Valdete Bernardes da Silva, 80 anos

» Jardim Metropolitano

Antonia Silveira Dias, 51 anos
Ivana Maria Bezerra Barreto, 61 anos (cremação)
Ivone Maria Meister, 75 anos (cremação)
José Francisco Neto Martins, 58 anos